



RISCOS



SILENCIO! SILENCIO! SILENCIO! ALGUÉM ESTÁ A PEDIR AJUDA!*

SILENCE! SILENCE! SILENCE! SOMEONE IS ASKING FOR HELP!

António Fidalgo

Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Escola Superior Agrária
Técnico Superior de Riscos e Proteção Civil (Portugal)

ORCID 0000-0002-7306-9151 fidalgo.aluis@gmail.com

Ana Sá Fernandes

Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Escola Superior Agrária
Técnico Superior de Riscos e Proteção Civil (Portugal)

ORCID 0000-0001-5883-1382 sa.fernandes.na@gmail.com

RESUMO

Não saber reconhecer quando se deve pedir o *mayday* pode ser um problema para o sucesso de resgate de um bombeiro. O sucesso do pedido de *mayday* vai aumentar com as ações proativas do Comandante das Operações e das equipas no terreno, enquanto que o défice de formação leva a que a informação e os procedimentos importantes não sejam valorizados. Declarar um *mayday* não é só pegar no rádio e pedir ajuda. Primeiro tem de se saber reconhecer um *mayday*, como se deve declarar um pedido de ajuda e o que fazer de seguida. A abordagem ao *mayday* na formação dos bombeiros estagiários ainda está numa fase embrionária dado ter sido introduzida na reformulação dos conteúdos de formação no segundo semestre de 2019. O estudo desenvolvido tem como objetivo principal compreender o que é o *mayday*.

Palavras-chave: Bombeiro, segurança, *mayday*.

ABSTRACT

Not recognizing when to call for 'mayday' can be a problem for a firefighter's rescue success. The success of requesting mayday will increase with the proactive actions of the Operations Commander and the teams on the ground, while the training gap means that important information and procedures are not valued. Declaring a 'mayday' isn't just about picking up the radio and asking for help. First you must know how to recognize a 'mayday' call, how to declare a request for help and what to do next. The mayday approach to training trainee firefighters is still at an embryonic stage as it was introduced in the recast training content in the second half of 2019. The main objective of the study is to understand what 'mayday' is.

Keywords: Firefighter, safety, mayday.

* O texto desta nota foi submetido em 09-08-2020, sujeito a revisão por pares a 21-10-2020 e aceite para publicação em 16-11-2020.

Esta nota é parte integrante da Revista *Territorium*, n.º 28 (II), 2021, © Riscos, ISSN: 0872-8941.

Introdução

Quando alguém estava em apuros e queria pedir ajuda precisava de ter uma forma de chamar a atenção de outra pessoa e que fosse facilmente reconhecido como um pedido de ajuda. O termo *mayday* tem a sua origem no francês sendo hoje reconhecido internacionalmente por todos como um pedido de socorro (Clark, 2003; Norwood, 2012; Salka Jr., 2016). É um termo de uso comum por navios e aeronaves e mantém o seu princípio, ser utilizado quando há risco de vida e a tripulação precisa de assistência urgente (Clark, 2002; Clark, 2003; Feyst, 2009; Norwood, 2012; Salka Jr., 2016).

Todos os dias os bombeiros deslocam-se em resposta a uma emergência para mais um dia normal de trabalho, mas haverá o dia em que algo corre mal e de repente, passam a ser parte da emergência (Clark, 2002). A formação às recrutas dos bombeiros foi reformulada no ano de 2019 onde foi introduzido pela primeira vez o termo *mayday* e o procedimento a adotar perante uma emergência. O presente estudo surge na necessidade de aprofundar e compreender o tema tendo como objetivo principal compreender o que é o *mayday* e como objetivos específicos conhecer o procedimento *mayday* e reconhecer quando se deve declarar um *mayday*.

Quando um *mayday* é ouvido no Teatro de Operações (TO), os operacionais pensam de imediato que um desastre aconteceu (Feyst, 2009). A carga emocional e o significado intrínseco a esse pedido, por norma, causa mais angústia e stress nos operacionais do que qualquer outro incidente (Robertson, 2007; Sendelbach, 2003).

Para os bombeiros não é fácil reconhecerem que precisam de ajuda (Brouwer, 2014a). A filosofia, o lema e o treino dos bombeiros são no sentido de socorrerem os outros, logo não se conseguem identificar com o papel de vítimas (Brouwer, 2014b; Gaumont, 2009). Desde sempre o ser humano teve dificuldade em aceitar a mudança, o que o leva a resistir. Um dos maiores desafios do ponto de vista da segurança é consciencializar os operacionais que é necessária uma mudança cultural (Bator, 2018).

Na literatura deparamo-nos com crenças e pressupostos que são barreiras para o *mayday*. Percebemos que situações onde o pedido é retardado deve-se à existência de uma réstia de esperança de que o operacional vai conseguir encontrar o caminho de volta (Brouwer, 2014a) ou o pensamento que pode encontrar alguém da sua equipa pelo caminho tal como acontecia na formação (Gaumont, 2009).

Porém, ainda é frequente encontrar um estigma de ser considerado covarde (Ludwig, 2007), ser fraco (Brouwer, 2014a; Riffe e Patin, 2008; Gaumont, 2009), ser ridicularizado pelos restantes elementos (Kirby e Lakamp, 2013) ou vir a sofrer uma repreensão (Ludwig, 2007; Kirby e Lakamp, 2013).

As ideias pré-concebidas de não quererem admitir que podem ter problemas e precisarem de ser resgatados deve ser alterada (Brouwer, 2014a; Gaumont, 2009; Robertson, 2007) até porque o pedido de um *mayday* tem o potencial para ser declarado a qualquer momento, em qualquer lugar desde que o bombeiro entra em ação porque teve um problema (Ludwig, 2007; Mclees, 1997).

Quando um bombeiro entra para a recruta, ao longo da sua formação são transmitidos diversos conceitos entre os quais a importância e a forma como se procede perante um *mayday*. Porém, se o *mayday* não for treinado regularmente ou se for um termo desconhecido, quem pede ou recebe um pedido de socorro dificilmente saberá interpretar o que está a acontecer podendo mesmo ignorar porque não está alerta para o procedimento (Brouwer, 2014a; Norwood, 2012). O treino contínuo e o reforço da importância atempada de fazer o pedido permite ao operacional estar preparado para o pior cenário e desenvolver uma memória musculada e automática do que fazer (Norwood, 2012).

Nem sempre num momento de stress extremo, o operacional pode ser capaz de se recordar do acrónimo para pedir um *mayday*. Da mesma forma que são esperadas ações por parte do Comandante de Operações de Socorro (COS), o importante é que o operacional saiba transmitir a informação essencial (exemplo: localização, o seu nome e que recursos necessita) que permitam o seu resgate (French, 2004). Ao COS é esperado que faça um planeamento sobre potenciais problemas que possam surgir. Se conseguir prever o pior cenário, é possível aumentar as hipóteses de sucesso (Sendelbach, 2003).

No decorrer das operações os bombeiros são reativos e atuam em função do que está a acontecer. É importante que os bombeiros adotem uma postura mais proactiva, prevenindo o que vai acontecer (Daley, 2012). Detetado um problema, se em 60 segundos o operacional não tiver conseguido resolver o problema deve declarar o *mayday* (Brouwer, 2011; Brouwer, 2014b) dado que não reconhecer a tempo pode ter consequências graves, tais como, o atraso no resgate ou mesmo a sua morte (Mclees, 1997).

Atrasar o *mayday* apenas vai atrasar o resgate, quanto mais tardio for declarado o *mayday* mais tempo vai demorar a Equipa de Intervenção Rápida (RIT) a proceder ao resgate (Feyst, 2009; Gaumont, 2009; Kirby e Lakamp, 2013; Ludwig, 2007).

Embora conhecida por diferentes nomes, a equipa de resgate, isto é, a RIT, a Equipa de Assistência Rápida (RAT), a Equipa de pesquisa e a Assistência ao Bombeiro (FAST), são equipas cujo objetivo é resgatar os Bombeiros em perigo (Stelle, 2014).

Foi feita uma pesquisa na base de dados b-ON e EBSCO com as palavras-chave *firefighter*, *safety* e *mayday*. A pesquisa foi delimitada ao período de 2009 a 2020 e foram

considerados como critérios de inclusão todos os artigos que abordavam o tema *mayday* em qualquer língua.

Entender o *mayday*

Salka Jr. (2017) apresenta o *mayday* (pedido de socorro) como um conceito usado em situações de risco de vida, seja porque o bombeiro avalia que está em perigo ou porque considera que a evolução do cenário pode levar à sua morte. Nos Estados Unidos da América, quando um *mayday* é emitido todos os bombeiros reconhecem de imediato a gravidade e seriedade da situação.

Qualquer bombeiro pode emitir um *mayday* desde que esteja perante uma verdadeira emergência. Este termo não deve ser vulgarizado pelo que apenas em situações de necessidade de resgate iminente ou problemas que possam levar ao risco de vida do bombeiro é que deve ser declarado (Rossi, May e Ramirez, 2016).

Mayday! Mayday! Mayday! É a comunicação via rádio que ninguém espera ouvir num TO. Os bombeiros fazem formação e treinam para o pior dia de cada pessoa ou comunidade, mas nunca podemos esquecer que embora raros, os bombeiros também podem ter o seu pior dia (Gettemeier e Bird, 2016; Rossi *et al.*, 2016, Sergi, 2016). A declaração de um *mayday* é um dos piores pesadelos que pode acontecer num TO (Mason, 2014). De tal forma, que a maioria nega falar que um acontecimento como este tem a probabilidade de acontecer porque acreditam que ao haver uma cultura de silêncio o evento não aconteça (Goplin, 2012).

A natureza dos bombeiros assenta no sucesso das ocorrências e no salvamento de vidas e proteção de bens, o seu lema é entrar, resolver o problema, resgatar vítimas e em casos extremos dar a vida pelo próximo. Porém, os bombeiros são humanos, tem sentimentos, sentem dor e vivem momentos de stress e frustração, contudo, a sua perseverança em acreditar que o insucesso não é uma opção e os seus mecanismos de sobrevivência fazem com que lutem dia após dia pelo sucesso (Rossi *et al.*, 2016).

Quando um incidente desta magnitude acontece vai implicar que o COS tenha uma equipa de resgate pronta para intervir e reconquistar o controlo da ocorrência. A carga de trabalho vai aumentar, as prioridades vão ter de ser redefinidas e vai ser exigido aos operacionais um esforço extra para manter a disciplina e o conhecimento na ação (Gettemeier e Bird, 2016; Mason, 2014).

Os estudos realizados nos últimos anos verificaram que a principal causa que predispõem os bombeiros às fatalidades nos incêndios estruturais são a desorientação no interior da estrutura e o ficarem presos. Na prática, qualquer bombeiro, até o mais experiente, pode num instante ser sobrecarregado por fatores imprevisíveis (e.g., instabilidade estrutural, reduzida visibilidade,

fumo denso, carência de oxigênio) que o pode desorientar (Scandariato, 2012).

Sem dúvida que o objetivo de qualquer instituição é treinar o seu bombeiro para que ele não se coloque numa posição de ter de declarar um *mayday*, mas se tiver a infelicidade de se ver face a um evento crítico é importante que ele saiba reconhecê-lo e despoletar o alerta (Goplin, 2012).

Uma simples lanterna que avaria e impede a progressão do bombeiro, o bombeiro que fica nervoso e não cumpre ordens dentro do edifício ou até uma pequena queimadura que impeça a continuidade do combate são razões válidas para que um bombeiro, se se sentir em perigo peça ajuda. A decisão para pedir um *mayday* vai depender da experiência e o que o bombeiro considera ser uma situação de risco, não há respostas certas ou erradas, apenas a certeza de que em caso de necessidade se deve emitir o alerta (Salka Jr., 2017).

Uma das principais funções do COS é planejar corretamente o incidente e garantir que a função comando e controle funcionam. O pior que pode acontecer no planeamento de um TO é ser detetado que há uma lacuna no planeamento, função ou treino quando a ocorrência evoluir de maneira desfavorável (Scandariato, 2012).

Após confirmar um pedido de *mayday*, o COS deve gerir o novo incidente e ao mesmo tempo deve continuar a gerir o incidente (Houston, 2009).

Um *mayday* deve, idealmente, ser comunicado no máximo em 60 segundos depois de detetado o problema. Este pode ser o colapso parcial da estrutura, um evento adverso próximo que coloque em causa a segurança, as condições para um *flashover* e a lesão de um bombeiro (Mason, 2014).

A baixa casuística do *mayday*

O *Mayday* é um evento raro o que origina muitas vezes a que os operacionais se desleixem no treino do procedimento de comunicação de um *Mayday*. Os exercícios realizados para testar os procedimentos são importantes e permitem minimizar tempos na transmissão da informação, rever os protocolos e preparar as equipas para que quando um *Mayday* for declarado estejam mecanizados no procedimento (Scandariato, 2012).

Goplin (2012) verificou que 50% dos bombeiros no seu estudo não sabiam em que situações deveriam declarar um *mayday*. Tornando-se preocupante quando 46% da amostra mencionou que mesmo perante um *flashover* ou *backdraft* não tinham intenções de declarar um *mayday*.

O pedido de ajuda pode ser feito por inúmeras situações sendo mais comum em situações em que o bombeiro fique

preso no interior do edifício, por colapso do interior do edifício, desaparecimento de um bombeiro ou separação de um elemento da equipa, emaranhamento de fios que levam à imobilização do bombeiro, insuficiente capacidade de ar ou exposição ao fogo (Rossi *et al.*, 2016; Smith, 2015; vonAPPEN, 2014).

O orgulho e a vergonha são sentimentos muito comuns que surgem entre muitos bombeiros quando tem de declarar um *mayday* (Rossi *et al.*, 2016). Muitos bombeiros mencionaram no estudo de Goplin (2012) que não declararam ou atrasaram um pedido de *mayday* porque acreditavam que a partir do momento que fizessem um pedido de *mayday*, os restantes elementos iriam julgar sem fundamento, iriam desprezá-los e seriam motivo de gozo. Alguns bombeiros referiram que em alguns quartéis eram desencorajados a não declarar um *mayday* porque se acreditava que numa ocorrência nunca seria possível chegar a esse extremo. E de acordo com Smith (2015), em alguns corpos de bombeiros, os operacionais recebiam castigos internos por ter declarado *mayday*.

Para facilitar a tomada de decisão de quando deve pedir ajuda, o bombeiro pode utilizar o acrónimo FACT (vonAPPEN, 2014) ou o acrónimo I-O-U My Life (Ciampo, 2015) para declarar um *mayday* para um ou mais bombeiros em perigo. O acrónimo FACT representa (vonAPPEN, 2014):

- F para queda (*Fall*): algo da estrutura colapsou em cima do bombeiro, caiu de um piso para outro ou dentro de algo;
- A de Ar na garrafa: o aparelho respiratório está com problemas ou o ar está a terminar;
- C para aprisionado (*caught*): ficou preso/emaranhado por fios dentro da estrutura;
- T para preso (*trapped*): o bombeiro está desorientado ou ficou encurralado por um incêndio.

Embora similar, o acrónimo I-O-U My Life tem uma visão diferente de avaliar a iminência do *mayday* e baseia-se em cinco parâmetros (Ciampo, 2015):

- I de *Imminent Collapse* (colapso iminente): Quando um bombeiro detetar um colapso iminente da estrutura deve transmitir um *mayday* e informar a sua localização. Todos no TO devem ouvir a comunicação e quem estiver perto do colapso por ordem do COS ou por sua iniciativa devem retirar do local indicado para uma área segura;
- O de Ocorreu um colapso: Quem detetar o colapso da estrutura ou parte dela deve dar a localização do colapso. Se houver feridos também o deve comunicar para dar seguimento à operação de resgate;
- U de *Unconscious or serious life threatening injury* (Lesão grave, inconsciente ou risco de vida):

Quem declara o *mayday* de um bombeiro ferido, inconsciente ou em risco de vida deve descrever de forma sucinta a gravidade, o tipo de lesões, a localização em que se encontra dentro da estrutura, qual o possível trajeto mais rápido para o resgate e os recursos necessários;

- *My (Missing member)* de Meu (bombeiro desaparecido): No combate a um incêndio a equipa pode progredir junta ou parcialmente separada. O *mayday* deve ser declarado quando não se consiga comunicar com algum membro da equipa, seja por via verbal ou por comunicação via rádio. A comunicação deve ser feita pela equipa e deve conter o nome, o corpo de bombeiros, a missão e a última localização conhecida;
- *Life (lost or trapped members)* de Vida (bombeiros perdidos ou presos): Quando um bombeiro se perde da equipa ou fica preso deve transmitir o *mayday* e comunicar a identidade do bombeiro, a última localização conhecida e os recursos necessários para o resgate.

Um *mayday* deve ser declarado mal o bombeiro perceba que algo não está bem e precise de ajuda adicional mesmo que ainda tenha capacidade de se deslocar no interior da estrutura. O bombeiro deve ter em mente que o *mayday* pode ser cancelado ou retirado a qualquer momento (Mason, 2014; Rossi *et al.*, 2016). Enquanto o bombeiro tenta junto da equipa medidas de auto-resgate, o COS vai articular com a equipa RIT e dar início a outros procedimentos para agilizar o resgate. O *mayday* não deve ser atrasado, primeiro deve emitir o pedido de ajuda e depois tentar resolver o problema (Mason, 2014; Sergi, 2016).

O protocolo *mayday*

Os protocolos têm como propósito simplificar os procedimentos ao estruturar qual é a sequência de ações que se deve seguir. Se não existir um protocolo ou o mesmo for inespecífico vai impedir que haja agilidade e o conhecimento necessário para as equipas saberem quando o mesmo deve ser acionado. Esta ausência de pedido ou um pedido tardio pode condicionar e por vezes, inviabilizar um resgate com sucesso (Goplin, 2012).

Após uma ocorrência é importante investigar o que originou o incidente. Se no decorrer da investigação for concluído que uma equipa com formação em *mayday* não fez o pedido de ajuda ou o fez atrasado, é importante que se analise o que motivou a equipa a ter essa ação. Independentemente das conclusões do incidente, as mesmas não devem ser usadas para punir a equipa. Devem ser entendidas como uma melhoria do processo para que se aprenda o que está mal e assim aprender a não se repetir o mesmo erro (Goplin, 2012).

Um bom planeamento para uma resposta rápida numa situação *mayday* é fundamental para o sucesso. A partir do momento que se ouça um *mayday* nas comunicações é importante que o COS faça uma confirmação do mesmo. Na eventualidade de não ser possível obter confirmação por parte de quem fez o pedido deve-se iniciar uma busca e salvamento de imediato. O COS deve definir uma equipa RIT que se irá ocupar com o resgate, fornece a informação necessária tal como a última localização conhecida, o canal de comunicação e dá conhecimento da identidade da equipa (Houston, 2009).

A definição de ordens claras e concisas são essenciais para que o COS mantenha o domínio sobre os seus homens e evite que haja tentativas de *freelancing*. Em ocorrência de grande envergadura, o ideal seria o COS delegar a gestão das operações de resgate num elemento graduado de modo a se preocupar apenas com a gestão das operações do combate e assim evitar perder o comando e controlo das duas operações (Brouwer, 2014b; Houston, 2009).

Iniciada a operação de resgate é importante rever o equipamento disponível na zona de sinistro e as equipas disponíveis. Dada a exigência de resposta que um *mayday* implica é importante que o COS solicite os recursos materiais e humanos necessários para a intervenção. Não esquecer de pedir os meios de socorro e se ainda não tiver um oficial de ligação com esses meios deve solicitá-lo para coordenar os meios de socorro que irão prestar o apoio à equipa que solicitou apoio. Uma boa leitura do terreno é fundamental, depois da primeira equipa RIT entrar no edifício é necessário ter outras equipas RIT constituídas e prontas a inverter. Se não tiver equipas RIT disponíveis devem ser solicitadas novas equipas para dar apoio à equipa RIT ou para proteção da mesma (Houston, 2009).

Entrar num edifício em chamas é uma atividade perigosa de alto risco para os operacionais que entram no seu interior. Quando uma equipa RIT é acionada para resgatar um bombeiro pode encontrar um ambiente substancialmente pior do que aquele que existia à entrada da primeira equipa (Gettemeier e Bird, 2016) e encontrar um interior com riscos extremos (Smith, 2015). O potencial de se verem perante numa situação de *mayday* torna-se substancialmente maior pelo que é pertinente haver recursos materiais e humanos adequados e de reserva em cada incidente (Mason, 2014).

Quando um bombeiro está em apuros é importante que usem um acrónimo organizado que lhe permita saber estruturar a informação. Existem vários acrónimos desde NUCAN (vonAPPEN, 2014), LIP (Mason, 2014), e o LUNAR o mais comum (Houston, 2009; Robertson, 2012; Rossi *et al.*, 2016; Sergi, 2016). O que importa é que o bombeiro estruture a sua informação para ser clara, objetiva e curta de modo a que mesmo numa situação de pânico consiga transmitir a informação necessária sem consumir muito ar (Sergi, 2016).

O acrónimo mais comum e que permite estruturar a informação é o LUNAR: L - localização, U - Unidade, N - Nome, A - Missão e ar no arica, R - Recursos necessários que está descrito abaixo (Houston, 2009; Robertson, 2012; Rossi *et al.*, 2016):

- L de localização: É importante ser o mais claro e exato possível. Informar o ponto de entrada, piso e localização dentro do edifício. No escuro pode ser difícil perceber onde está, contudo, fazendo um raciocínio dedutivo do que sente à sua volta (exemplo: cama, fogão) pode permitir saber se está numa cozinha, num quarto, num escritório ou noutra divisão. Se puder ser mais minucioso deve dar detalhes sobre a localização dentro do compartimento (exemplo: junto de uma porta, debaixo de uma janela, dentro de uma banheira) e se conseguir ver luzes ou sons de dentro do edifício ou provenientes do exterior. Em resumo, deve dar a melhor informação geográfica da sua localização no interior da estrutura de forma a que a equipa RIT consiga fazer o resgate o mais rápido possível;
- U de Unidade: Embora pareça um dado insignificante, é importante saber qual a equipa porque permite que o COS cruze informação com outras equipas próximas ou que já tenham estado nessa parte do edifício para perceber como evolui o incêndio nessa zona. Em resumo deve fornecer qual a unidade onde estava;
- N de Nome: Transmitir o nome do bombeiro (comum o sobrenome, mas não o número interno) que está em apuros permite determinar, em conjunto com outros dados, qual a equipa a que pertence e quem são os outros elementos. Esta informação é vital porque permite determinar se estará alguém desaparecido;
- A de Ar no ARICA: Num ambiente hostil onde não é possível ao ser humano respirar é importante saber qual a capacidade de ar que o bombeiro ainda tem;
- R de Recursos necessários: Nesta fase existem duas opções: o material que precisa para fazer um auto-resgate (por exemplo a colocação de uma escada da parte exterior na janela onde se encontra) ou que equipamento é necessário para o resgate (por exemplo: uma garrafa com ar comprimido, uma alavanca para o libertar porque está preso). Em resumo qual será o equipamento ou meios humanos que serão necessários para que o resgate seja feito com sucesso e o que está a ser feito para corrigir o problema.

Outro acrónimo que pode ser utilizada é o LIP: Localização, Identificação e Problema que significa:

- L de Localização (qual a localização do bombeiro dentro da estrutura;
- I de Identificação (o bombeiro deve transmitir o seu nome [preferencialmente o sobrenome], o corpo de

bombeiros a que pertence e a missão que lhe foi atribuída) e;

- P de Problema (que recursos materiais e humanos precisam para um resgate com sucesso, o que está a ser feito pelo bombeiro para resolver o problema e a necessidade de ar comprimido) (Mason, 2014).

O acrónimo que também é usado por algumas unidades é o NUCAN que descreve:

- N de Nome (o nome de quem pede ajuda);
- U de Unidade (localização geográfica da equipa e designação da equipa);
- C de Condições (descrever qual o motivo e gravidade do pedido de ajuda);
- A de Ações/Ar (o que está a ser feito para resolver a situação e qual a quantidade de ar que têm) e
- N de Necessidades (que recursos são precisos para um resgate com sucesso) (vonAPPEN, 2014).

Em caso de necessidade alguns protocolos mencionam que se deve carregar no botão laranja do rádio similar ao botão de pânico do SIRESP® para declarar o pedido de ajuda (Ciampo, 2015; Mason, 2014; Salka Jr., 2017). Após declarar o pedido de ajuda deveria ativar o APS (Rossi *et al.*, 2016).

Uma vez que o operacional implementa as primeiras ações para a sua sobrevivência, deve colocar em prática uma das inúmeras técnicas de auto-resgate que existem (Rossi *et al.*, 2016) dado que irá aumentar a sua hipótese de sobrevivência em 50% (Sergi, 2016) e quando treinadas e compreendidas aumentam o poder mental de vontade de sobrevivência face a uma situação adversa (Rossi *et al.*, 2016).

O operacional deve ainda depois de ativar o APS garantir que não há nenhum obstáculo a tapá-lo para ficar visível e audível. Se tiver oportunidade e capacidade deve posicionar-se junto a uma parede com a lanterna ligada na posição de intermitente a apontar para o teto ou para a porta e com o APS virado para cima. Adicionalmente, deve pegar na ferramenta e bater contra, por exemplo, uma parede. O objetivo é fazer barulho para que a RIT escute e siga o som. É preciso ter atenção que esta ação pode provocar um aumento do consumo de ar como consequência do esforço (Sergi, 2016).

Formação e treino contínuo

A diminuição da casuística dos incêndios dá a falsa sensação de que se pode reduzir à frequência do treino, contudo, a formação e treino nas situações em que há menos casuística deve ser otimizado e aumentada a frequência com que é executada (vonAPPEN, 2014).

A formação é importante para se conseguir sistematizar os procedimentos em particular quando se está

numa posição de decisão. Foi demonstrado que o comandante das operações de socorro mesmo com muita experiência pode perder oportunidades, pode deixar passar comunicações críticas e ter uma resposta menos eficiente se não tiver formação e treino contínuo na gestão de operações (Scandariato, 2012). Ao operacional espera-se que treine os procedimentos, conheça onde está o equipamento de emergência nos veículos, saiba técnicas de auto-resgate e onde está o seu equipamento pessoal de auto-resgate no fato (vonAPPEN, 2014).

A análise e aprendizagem com os incidentes passados são das melhores formas para se aprender e modificar procedimentos para que no futuro não seja possível acontecerem de novo. Expor os incidentes, falar sobre eles e melhorar permite ao bombeiro otimizar as suas oportunidades de sobrevivência no futuro (Rossi *et al.*, 2016).

Por esse motivo, desde que são admitidos no corpo de bombeiros, parte da formação incide no procedimento *mayday* e no peso que a sua emissão têm num TO e na importância que tem cada bombeiro ter o seu rádio (Rossi *et al.*, 2016; Salka Jr., 2017).

A formação e treino contínuo permitem aumentar a autoconfiança, o conhecimento e criar disciplina no procedimento *Mayday*. Sem a estrutura do treino e do conhecimento, os bombeiros envolvidos na operação não terão a calma necessária nem controlar o impulso de querer ajudar quem pede *Mayday*. Se essa falta de disciplina se impuser, a tarefa do COS vai ficar mais difícil porque tem de gerir um resgate com sucesso e qualquer distração pode ser um novo problema (Rossi *et al.*, 2016; Scandariato, 2012).

A comunicação via rádio

Sentimentos como o medo, ansiedade, raiva e frustração devem ser trabalhados e controlados porque se ficarem descontrolados levam a más decisões. A resposta gerada por uma situação adversa intensa pode levar o operacional à exaustão física e mental e originar reacções irracionais. Por exemplo, uma ansiedade descontrolada promove a perda do pensamento cognitivo enquanto a frustração por não conseguir solucionar o problema ou atingir os objetivos delineados levam o operacional a ser impulsivo e a agir de forma pouco racional (Rossi *et al.*, 2016).

Quando o bombeiro se vir perante um *mayday* deve tentar controlar a sua respiração, manter a calma e transmitir a informação necessária que o ajude a ser resgatado. Enquanto aguarda o resgate vai ouvir muitas comunicações via rádio da equipa de resgate pelo que deve tentar controlar o stress e a respiração porque esses fatores quando não controlados levam à redução das habilidades cognitivas e potenciais tomada de decisões menos assertivas (Sergi, 2016).

É importante que os bombeiros tenham em atenção alguns princípios de bom funcionamento para uma melhor transmissão da comunicação tais como: a posição do rádio portátil e a posição do microfone. Por exemplo, o rádio deve estar posicionado no bolso superior do casaco para que a colocação da antena esteja numa posição elevada para permitir aumentar o poder de transmissão da comunicação. Caso contrário, o COS incorre no risco de receber comunicações ilegíveis ou de fraca qualidade (Scandariato, 2012).

Mas antes de tudo isto é importante que todos os bombeiros tenham o seu próprio rádio porque quando tiverem de pedir ajuda não ter rádio não pode ser a opção (Salka Jr., 2017). Debate-se que uma comunicação via rádio deve ser intuitiva, seguir um protocolo *standart* e ser simples para se poder utilizar numa situação de stress (Scandariato, 2012). Basta um bombeiro sem rádio precisar de ajuda e não conseguir emitir o pedido para que toda a cadeia por mais bem elaborada que esteja parta pelo seu elo mais fraco.

Houston (2009) sugere que o centro de gestão de comunicações (em Portugal denominado CDOS ou CNOS) pode ser útil e um auxílio para o COS. Num *mayday* o centro de gestão de comunicações pode orientar, de imediato, qual os canais de comunicação alternativos para o TO, monitorizar as comunicações feitas e confirmar informação que o COS possa não ter ouvido ou não compreendido.

Quando um pedido de ajuda é declarado, todos os bombeiros no TO devem cessar comunicações e aguardar que o COS estabeleça a comunicação e receba o *mayday* (Ciampo, 2015), contrariando a tendência que se tem observado de haver um aumento no fluxo de comunicações que se mistura com o pedido de ajuda (Gettemeier e Bird, 2016). Para facilitar, os operacionais devem estar preparados para mudar o canal de manobra uma vez que quem fez o pedido de ajuda está numa situação de perigo e sobre um elevado stress logo, assume-se que não está nas melhores condições para modificar o canal de manobra (Scandariato, 2012).

O bombeiro em perigo deve dizer *mayday* três vezes seguidas e depois, o COS diz ao bombeiro *mayday* para transmitir a informação através de um dos acrónimos (Mason, 2014; Robertson, 2012; Rossi *et al.*, 2016; VonAppen, 2014). O *mayday* repete-se 3 vezes porque assim não há margem para ser confundido com outra palavra ou ser considerado um engano (Norwood, 2012).

No fim da comunicação o COS deve questionar o bombeiro de potenciais perigos e riscos que a equipa RIT pode encontrar e da existência de mais bombeiros em perigo. É vital que o COS avalie as condições no interior e a estabilidade do edifício e pondere o envio da RIT ou a retirada das equipas. Todos os esforços para

o resgate devem ser feitos, mas é fundamental primar pela segurança da RIT e das outras equipas. O COS deve avaliar se há condições de segurança para realizar o resgate ou se está no momento de simplesmente dar a ordem de retirar todas as equipas do interior e assumir que não há condições de segurança para chegar ao(s) bombeiro(s) em perigo (Smith, 2015).

Tomada a decisão de resgate, é importante que se redirecione as comunicações para novos canais de rádio e apenas fique quem pede *Mayday* no canal de rádio inicial. A finalidade desta separação será permitir um canal com comunicações eficazes e ininterruptas entre o interior e o COS (Houston, 2009; Rossi *et al.*, 2016; Scandariato, 2012).

Salka Jr. (2016), considera que alterar o canal rádio das equipas é incorreto. Defende que devido à pouca sensibilidade do equipamento de proteção será difícil às equipas alterar corretamente a frequência podendo ficar sem comunicações. Considera ainda que não havendo cruzamento de informação entre todas as equipas dado que ficariam isoladas, não será possível partilhar a evolução dos trabalhos, nomeadamente o desenvolvimento de condições de perigo.

A alteração de canais de comunicação poderá ser um procedimento difícil, mas permite manter a disciplina nas comunicações e assim evitar que se percam comunicações importantes por parte de quem emitiu um *mayday*. Só com esta separação de canais de comunicação será possível reduzir o tráfego, diminuir o alarmismo das restantes equipas e focar apenas em quem precisa de ajuda (Houston, 2009).

Embora seja esperado que todas as equipas estejam preparadas para alterar o seu canal de manobra (Gettemeier e Bird, 2016), por vezes, levanta-se a questão de que por falta de treino, as outras equipas podem não conseguir mudar de canal manobra com sucesso e assim, inviabilizar a troca de comunicação com o COS e tornar-se num problema adicional (Scandariato, 2012). Se não for possível atribuir outro canal manobra às equipas, o COS deve instituir disciplina e conter comunicações desnecessárias com as equipas. Depois de estruturar o resgate e organizar o TO deve preparar a informação a ser transmitida à comunicação social (Smith, 2015).

Considerações importantes sobre o tema

VonAppen (2014), o bombeiro para perceber o que está a acontecer precisa de formação, conhecimento, experiência e prática. Ele não pode passar pela sua carreira alegremente sem reconhecer os riscos a que está exposto. É possível ter um dia mau, mas não pode haver comodismo para que todos os dias sejam maus. É preciso estar alerta e atento à constante evolução que

acontece à sua volta. Não reconhecer o que está errado revela inconsciência e incompetência do próprio face à sua profissão.

Um dos princípios de sucesso para um *mayday* é que todos os bombeiros saibam os fundamentos básicos para manusear um equipamento rádio, principalmente se estiverem perante uma emergência (Scandariato, 2012). Outro princípio é o treino periódico em contexto real-simulado do procedimento que potencia a atuação numa situação emergente (Goplin, 2012).

Alguns bombeiros não acreditam em declarar um *mayday* porque não reconhecem as capacidades dos outros bombeiros, será o momento que nos deve fazer parar e refletir porque é que mesmo com treino não há confiança (Goplin, 2012) e muitas vezes acreditam que são invencíveis e que nunca lhes irá acontecer a si a necessidade de declarar um *mayday* (Rossi *et al.*, 2016). E por vezes, consideram que pedir ajuda cedo demais ou conseguirem resolver o problema antes da chegada da equipa RIT pode diminuí-los e serem motivo de gozo por parte dos restantes elementos (Kirby e Lakamp, 2013).

Um COS deve ser proativo e antever adversidades que possam surgir no decorrer das operações. Uma equipa RIT de três elementos é uma equipa muito pequena para executar as ações exigidas (aceder, localizar, extrair para o exterior). Caso se depare com um numero reduzido de elementos RIT e necessite de proceder a um resgate, é legítimo que o COS use os recursos disponíveis naquele momento tais como, equipas na zona de concentração e reserva ou que estejam a desempenhar ações não críticas para integrar a RIT até que cheguem reforços (Houston, 2009).

Assim, a solução deve ser temporária e sempre que possível garantir uma equipa RIT no TO, isto porque, mesmo uma equipa RIT bem treinada pode ter problemas no interior do edifício (Feyst, 2009) dado que se vai expor a riscos adicionais ao entrar na estrutura que está a arder (Clark, 2002). Por essa razão, é importante que o operacional, além da comunicação normal com a RIT, transmita para o exterior, sempre que possível, informações importantes sobre o incêndio e a integridade da estrutura (Brouwer, 2014b; Clark, 2002; Norwood, 2012; Stelle, 2014).

Quando a transmissão do *mayday* não for clara é importante que o COS questione de novo porque sem a informação correta, o resgate pode estar condenado a falhar. Pontos essenciais a reter serão a localização, a condição do operacional (por exemplo: ferimentos) e a autonomia de ar (Crandall, 2004; Feyst, 2009).

Concluída a transmissão via rádio da informação, o COS deve incentivar o operacional a ativar o Alarme Pessoal de Segurança (APS) (Crandall, 2004; Norwood, 2012; Riffe e Patin, 2008) se o mesmo ainda não tiver

pressionado o APS (Brouwer, 2014b; Clark, 2002; Ludwig, 2007; Sendelbach, 2003). Para otimizar a sinalização da sua presença deve ligar a lanterna (Crandall, 2004) e se tiver possibilidade pegar numa ferramenta e fazer barulho com ela. Durante todo o processo, o operacional deve procurar um caminho de fuga para melhorar a sua probabilidade de sobrevivência (Brouwer, 2014b; Sendelbach, 2003).

O processo de *mayday* é uma operação que não pode ter distrações, o COS não deve assumir as duas funções, a de gestão do combate ao incêndio e do resgate porque não vai conseguir gerir eficientemente as duas (Abbott, 2016). Uma vez que todo o processo requer dedicação e não pode ter distrações, é importante ter outro elemento de comando no local para que um se ocupe do *mayday* e articule com a equipa RIT e o outro graduado fique com a operação de combate ao incêndio (Brouwer, 2014b; Feyst, 2009).

Conclusão

O *mayday* torna-se fundamental nas situações em que há risco de vida sendo importante definir bem o procedimento *mayday* e treiná-lo para que não haja dúvidas no momento de emergência (Brouwer, 2014a; Clark, 2004; Salka Jr., 2016). Caso não esteja instituída uma norma sobre o procedimento a adotar, é urgente que tal se faça (Brouwer, 2014a; Rielage, 2014) mas com atenção para que haja uniformização e conhecimento dos termos por todos (Salka Jr., 2016). É essencial que os Corpos de Bombeiros e as entidades competentes se reúnam e desenvolvam uma normativa nacional, clara e objetiva (Goplin, 2012). Não adianta ter um procedimento prático se muitos que o vão usar ou se podem deparar com ele não reconheçam os termos e procedimentos utilizados.

É importante que, numa altura em que a construção dos edifícios é cada vez mais constituída por matérias altamente combustíveis e, portanto, verdadeiras armadilhas e bombas relógio, é pertinente que os bombeiros percebam que retardarem um pedido de ajuda pode significar uma morte antecipada.

A diferença entre ter a probabilidade de ser resgatado em tempo útil ou não vai depender da informação transmitida. Para evitar informação desnecessárias quando se transmite o *mayday*, existem nomenclaturas que podem simplificar a transmissão da informação e otimizar o sucesso do pedido.

Existem ações referidas como procedimentos normais pelos bombeiros, tais como, só sair quando a autonomia do aparelho respiratório entra na reserva, incentivar a abanar o APS quando ele começa a tocar, retardar o pedido de *mayday* (Brouwer, 2014a), entrar com as equipas sem rádios. Velhos hábitos, quando errados ou

que coloquem em causa a segurança, apesar de serem considerados normais, devem ser revistos e alterados em prol da segurança (Brouwer, 2014a; Salka Jr., 2016).

O treino periódico permite aos operacionais prepararem-se para que quando o evento crítico aconteça não haja descoordenação nem perdas de tempo desnecessárias (Scandariato, 2012). Cada incêndio evolui de maneira diferente e dinâmica. Quando as equipas entram para um edifício tudo se torna desconhecido e imprevisível. Facilmente um bombeiro pode ficar desorientado ou preso como consequência do colapso da estrutura (Mason, 2014).

Antecipar as ações num TO permite ao COS planejar potenciais necessidades dos operacionais e recursos tais como: meios humanos e materiais para uma rápida intervenção (Scandariato, 2012).

Quando o *mayday* surgir é importante fazer a sua confirmação para determinar o que será preciso no resgate. É importante o envio de uma equipa RIT capaz de executar a tarefa de resgate ao mesmo tempo que as restantes equipas se mantenham na sua missão de combate. O COS deve ter uma check-list dos passos a seguir numa situação *mayday*. Não é desprestígio ter uma lista de rápida verificação que só vai permitir que os passos não sejam esquecidos. Um dos pontos de consulta deve ser a avaliação das condições do edifício e a progressão do incêndio. É importante avaliar as condições de segurança e perceber a viabilidade da estrutura, se necessário deve escolher um elemento que se ocupe de fazer a avaliação contínua da estrutura (Houston, 2009).

É importante que as instituições acompanhem a evolução e reconheçam a importância de adotar novas medidas e novos protocolos por forma a criar uma nova cultura de segurança associada a pensamentos proativos e que eliminem as ideias pré-concebidas de oposição ao *mayday*. Só ultrapassando a resistência à mudança é que se torna possível gerir ocorrências mais seguras. Na verdade, as conclusões de vários relatórios de incidentes, demonstraram que muitas mortes em serviço foram consequência de uma cultura de segurança inexistente (Goplin, 2012).

O *mayday* é aquela pequena palavra que nenhum operacional, pelo significado que lhe está associado, quer ouvir ser declarado no TO (Abbott, 2016; Daley, 2012; Gaumont, 2009; Riffe e Patin, 2008) porque implica que um Bombeiro passou a ser uma vítima (Brouwer, 2014a; Gaumont, 2009; Robertson, 2007).

A única garantia que os Bombeiros têm numa situação de perigo de vida é que nada está garantido e, portanto, recusarem desistir de sobreviver é o lema que cada um deve manter a qualquer custo. Numa situação adversa, a sensação de isolamento do mundo causa um elevado

grau de stress e insegurança. Cada um reage de maneira diferente perante uma determinada situação de stress e, portanto, seja ele de caráter físico, mental ou uma combinação dos dois podem ter resultados inesperados no Bombeiro (Rossi *et al.*, 2016).

Compete a todos prepararem-se para o pior dia para que quando ele chegar os operacionais estejam no seu melhor. Igualmente importante é manter sempre a memória daqueles que fizeram o sacrifício máximo e aqueles que erraram para que se aprenda e não se repita a história (Gettemeier e Bird, 2016).

Bibliografia

- Abbott, D. (2016). *Training & Tactics - The Mayday Project*. Disponível em <http://www.firehouse.com/article/12156553/the-mayday-project>
- Bator, C. (2018). Collaborating for Firefighter Safety and Health. *Fire Engineering*, 171(6), 37-40.
- Bird, G., Gettemeier, B. (2016, Feb). Calling Mayday. *FireRescue Magazine*, 34(2), 34-37.
- Brouwer, E. (2011). *Trainer's Corner: Disentanglement drills. FireFighting in Canada*. Disponível em <https://www.firefightingincanada.com/trainers-corner-8650/>
- Brouwer, E. (2014a). *Trainer's Corner: Are you tough enough to call a mayday?. FireFighting in Canada*. Disponível em <http://magazine.firefightingincanada.com/publication/?m=1044&i=219844&p=33&pp=1>
- Brouwer, E. (2014b). *Trainer's Corner: Permission to call a mayday?. FireFighting in Canada*. Disponível em <http://magazine.firefightingincanada.com/publication/?i=222872&p=32&pp=1&view=issueViewer>
- Clark, B. (2002). *Safety & Health - Mayday! Mayday! Mayday!*. Disponível em <http://www.firehouse.com/article/10574007/mayday-mayday-mayday>
- Clark, B. (2003). *Safety & Health - We Have Permission To Use The Word Mayday*. Disponível em <http://www.firehouse.com/article/10573233/we-have-permission-to-use-the-word-mayday>.
- Clark, B. (2004). *Training & Tactics - Calling a Mayday: The Drill*. Disponível em <http://www.firehouse.com/article/10515446/calling-a-mayday-the-drill>.
- Ciampo, M.N. (2015). I-O-U My Life. *Fire Engineering*, 168(6), 92-92.
- Crandall, S. (2004). *Learning to "E.S.C.A.P.E."*. Disponível em <http://www.fireengineering.com/articles/print/volume-157/issue-10/features/learning-to-escape.html>.
- Daley, M. (2012). *Safety & Health - Why Firefighters Call "Mayday"*. Disponível em <http://www.firehouse.com/article/10732324/why-firefighters-call-mayday>.

- Feyst, M. (2009). *Back to Basics: Mayday, mayday, mayday*. Disponível em <http://www.firefightingincanada.com/structural/back-to-basics-mayday-mayday-mayday-3874>
- Gaumont, D. (2009). *Mayday! Mayday!*. Disponível em <http://www.firefighternation.com/article/firefighter-safety-health/mayday-mayday>
- Gettemeier, B. S., Bird, G. (2016). Calling Mayday. *Fire Rescue*, 11(2).
- Goplin, R. (2012). The Protocol of the Mayday Call. *Fire Engineering*, 165(1), 32-34.
- Houston, T. (2009). The IC's Guide to a Mayday Response. *Fire Engineering*, 162(3), 36-40.
- Kirby, M., Lakamp T. (2013). When to call for Help. *FireRescue Magazine*, 166(12), 20-23.
- Ludwig, G. (2007). *Safety & Health - Mayday Should Not Be "Mother-May-I?" Games*. Disponível em <http://www.firehouse.com/article/10503650/maydays-should-not-be-mother-may-i-games>
- Mason, M. (2014). Structural Firefighting: Rapid Intervention and NFPA 1407. *Fire Engineering*, 167(4), 54-61.
- Mclees, M. (1997). *Training & Tactis - Mayday on the fireground*. Disponível em <http://www.firehouse.com/article/1054438/mayday-on-the-fireground>
- Norwood, P. (2012). *Handling The Mayday: The Fire Dispatcher's Crucial Role*. Disponível em <http://www.fireengineering.com/articles/print/volume-165/issue-6/departments/real-world-rit/handling-the-mayday-the-fire-dispatchers-crucial-role.html>
- Rielage, R. (2014). *How mayday training saved 1 firefighter's life*. Disponível em <http://www.firerescue1.com/cod-company-officer-development/articles/1644925-How-mayday-training-saved-1-firefighters-life/>
- Riffe, J., Patin, L. (2008). *Safety & Health - "Mayday!" Made Simple*. Disponível em <http://www.firehouse.com/article/10493738/mayday-made-simple>
- Robertson, H. (2007). *Mayday 101*. Disponível em <http://www.firefighternation.com/article/training-0/mayday-101>
- Robertson, H. (2012). A Closer Look at LUNAR. *Fire Rescue*, 7(2).
- Rossi, M., May, G., Ramirez, R. (2016). Think F.A.S.T.: Firefighter Advanced Survival Techniques. *Fire Engineering*, 169(3), 20-38.
- Salka Jr., J. J. (2016). *Training & Tactis - Defining the Mayday*. Disponível em <http://www.firehouse.com/article/12198971/fire-scene-defining-the-mayday>
- Salka Jr., J.J. (2017). Calling for Help. *Firehouse*, 42(4), 130.
- Scandariato, K. (2012). Command and Mayday Training. *Fire Engineering*, 165(4), 129-132.
- Sendelbach, T. (2003). *Training & Tactics - Managing the Fireground Mayday*. Disponível em <http://www.firehouse.com/article/10541890/managing-the-fireground-mayday>
- Sergi, J. M. (2016). *Survival Options for the Down Firefighter*, 169(3), 93-97.
- Smith, J. (2015, Jun). Firefighter Rescue: Managing Maydays. *Firehouse*, 40(6), 22-30.
- Stelle, M. (2014). *Four Commonsense Steps to Preventing a Firefighter Mayday*. Disponível em <http://www.firefighternation.com/article/firefighter-safety/four-commonsense-steps-preventing-firefighter-mayd>
- vonAPPEN, M. (2014). Successful Training Depends on Practice and Trust. *Fire Engineering*, 167(4), 139-146.